

A vinda discreta, logo depois do golpe

Quatro anos depois da inauguração da cidade, Lucio Costa voltou a Brasília com a mesma discreção da visita a Juscelino em 1960. Foi em 1964, depois do golpe de 31 de março. Não foi, porém, na qualidade de inventor da cidade que aterrissou no aeroporto, tomou um táxi e rumou para a Praça dos Três Poderes. Foi como o sogro de uma vítima do regime de força que tentava tirar o genro da prisão.

“Foi uma coisa do destino. Vim procurar meu primo, que era presidente do Supremo Tribunal Federal, o Álvaro Ribeiro da Costa, porque o marido de Maria Elisa (Eduardo Sobral) tinha sido indevidamente cassado”, contou o arquiteto ao JB. “Ele era da Petrobras, chefiava o departamento econômico e estava defendendo a empresa contra aqueles outros diretores que estavam com tendência a desnacionalizar a Petrobras. De modo que ele estava muito marcado e aqueles elementos da Petrobras, que queriam disfarçadamente neutralizar a Petrobras, e privatizar aquilo, aproveitaram a deixa, e ele foi sacrificado.”

O presidente do STF sugeriu ao arquiteto que entrasse em contato com o marechal Adhemar de Queiroz (1899/1984), militar que teve participação ativa na preparação do golpe de 1964 e que, dias depois de instaurada a ditadura, foi nomeado presidente da Petrobras. “Fui procurá-lo (ao presidente do STF) para ver se conseguia alguma coisa e de lá mesmo tomei um táxi e fui para o aeroporto. Praticamente não vi Brasília”.

O economista Eduardo Sobral, tio do governador eleito, Rodrigo Rollemberg, era responsável pela

Arquivo CB/D.A Press



Militares se postam na Esplanada dos Ministérios nos primeiros dias de abril de 1960. Lucio estava no STF

Consultoria Econômica da Petrobras. Defensor intransigente do monopólio estatal da empresa, foi preso em seu gabinete, no Rio de Janeiro, nos primeiros dias de abril de 1964, e levado para o Dops, na Rua da Relação. Ficou detido durante um mês.

“Até que um belo dia, sem explicação, apareceu em casa! Não havia nada formal contra ele, não pertencia a partido político e tudo o que fazia na Petrobras era às claras”, relembra Maria Elisa Costa.

Se Lucio Costa procurou ou não o marechal

Queiroz no Rio, não se sabe. “Se foi, não comentou”, diz Maria Elisa. Dois meses depois, em junho, ela e o marido souberam pelo rádio que os direitos políticos de Sobral haviam sido cassados. Pediram asilo à Embaixada do México e de lá seguiram para a França, onde moraram por quatro anos e onde nasceu a única filha dos dois, Julieta. Quando da abertura dos arquivos do Dops, Julieta Sobral quis saber se havia registros sobre o pai e descobriu que a justificativa para a cassação foi “alta periculosidade intelectual”. Eduardo Sobral morreu de infarto, em 1982. Estava com aos 54 anos.

Depois da visita de 1964, Lucio Costa só voltaria a Brasília em 1974, para uma visita histórica que será tema da reportagem da próxima sexta-feira, 19. (CF)

www.correiobraziliense.com.br

Veja vídeos e comparações de imagens históricas e atuais

» AS VINDAS

1ª vez — 1957

2ª vez — 1960

3ª vez — 1964

4ª vez — 1974

5ª vez — 1984

6ª vez — 1985 (abril)

7ª vez — 1985 (setembro)

8ª vez — 1987

9ª vez — 1988

10ª vez — 1991

11ª vez — 1992